

Alexia Silva da Silveira Araujo, Marcus Martini Silva, Beatriz Miyuri Koshikawa, Rafael Frozza de Matos, Milton Luiz Horn Vieira *

A Jornada das Princesas Disney: uma análise narrativa e arquetípica

*

Alexia Silva da Silveira Araujo é graduada em Animação pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestra em Design pela mesma universidade. Possui especialização em Design Gráfico pela Faculdade IBRA e em História da Arte pela Faculdade Unyleya. Acumula alguns prêmios nas áreas de animação, design de cartazes, ilustração e publicidade. Foi professora temporária no curso de Animação da Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2022. Atualmente é doutoranda do curso de Design na UFSC.

<alexiacanas@gmail.com>

ORCID 0009-0002-4721-8317

Marcus Martini Silva é graduando em Animação na Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou na Empresa Júnior de Design e Animação - UIPI durante um ano auxiliando na produção e gestão de projetos, e atuando na gestão de RH. Atualmente estagia na Agecom UFSC como motion designer.

<marcusmartinisolva@gmail.com>

Resumo O presente artigo explora a interdependência do papel narrativo de um personagem com seu arco pessoal, por meio de uma análise de quatro filmes de princesas da Disney da Era do Retorno do estúdio, sendo estes: Enrolados (2010), Valente (2012), Frozen (2013) e Moana (2016). Será realizada a identificação da estrutura dos Três Atos e da estruturação narrativa de cada obra fílmica, bem como a análise dos arquétipos de Vogler (2015) e Bolen (1990) aplicados às protagonistas das histórias, além da análise dos arcos das personagens e seus conflitos internos e/ou externos que impulsionam as tramas. Por meio da análise de cada uma das protagonistas é possível estabelecer conexões entre a progressão da história e a evolução arquetípica de cada personagem, identificando a interdependência do desenvolvimento da narrativa com o desenvolvimento de personagem.

Palavras-chave Arquétipos, Princesas Disney, Desenvolvimento de personagem, Estrutura narrativa.

Beatriz Miyuri Koshikawa é graduanda do curso de graduação na Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou na Empresa Júnior de Design e Animação - UIPI durante um ano no desenvolvimento e gestão de projetos e equipes. Atualmente participa do projeto de extensão Rotfather trabalhando com animação 2D frame a frame e design de personagens.

<beatriz.koshikawa.ufsc@gmail.com>

Rafael Frozza de Matos é graduando do curso de graduação em Animação na Universidade Federal de Santa Catarina. Atuou na Empresa Júnior de Design e Animação - UIPI durante um ano como assessor na Diretoria de Projetos, participando da criação de mascotes para empresas e personagens para tiras e histórias em quadrinhos.

<rafaeltrabalho45@gmail.com>

Milton Luiz Horn Vieira é graduado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1984), mestrado em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Santa Catarina (1991) especialização em Engenharia Química (cerâmica) pela Universidade de Valencia - Espanha (1992) e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999). Atualmente é professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina. É líder dos Grupos de pesquisa TECMIDIA e Comunicação Visual.

<milton.vieira@ufsc.br>

ORCID 0000-0002-6646-2799

The Journey of Disney Princesses: a narrative and archetypal analysis

Abstract *The present article explores the interdependence of a character's narrative role with their personal arc through an analysis of four Disney princess films from the studio's Revival Era, namely: Tangled (2010), Brave (2012), Frozen (2013), and Moana (2016). The analysis includes the identification of the Three-Act structure and the narrative structuring of each film, as well as the application of Vogler's (2015) and Bolen's (1990) archetypes to the protagonists of the stories. Additionally, the analysis encompasses the characters' arcs and their internal and/or external conflicts that drive the plots. Through the analysis of each protagonist, it is possible to establish connections between the progression of the story and the archetypal evolution of each character, identifying the interdependence of narrative development with character development.*

Keywords Archetypes, Disney Princesses, Character development, Narrative structure.

El Viaje de las Princesas Disney: un análisis narrativo y arquetípico

Resumen *El presente artículo explora la interdependencia del papel narrativo de un personaje con su arco personal, a través de un análisis de cuatro películas de princesas de Disney de la Era del Retorno del estudio, a saber: Enredados (2010), Valiente (2012), Frozen (2013) y Moana (2016). Se llevará a cabo la identificación de la estructura de los Tres Actos y la estructuración narrativa de cada obra fílmica, así como el análisis de los arquetipos de Vogler (2015) y Bolen (1990) aplicados a las protagonistas de las historias, además del análisis de los arcos de los personajes y sus conflictos internos y/o externos que impulsan las tramas. A través del análisis de cada una de las protagonistas, es posible establecer conexiones entre la progresión de la historia y la evolución arquetípica de cada personaje, identificando la interdependencia del desarrollo narrativo con el desarrollo del personaje.*

Palabras clave Arquetipos, Princesas Disney, Desarrollo de personajes, Estructura narrativa.

Introdução

Em seu estudo acerca da estrutura de roteiro e da construção de personagens, Weiland (2016) aponta a existência de uma relação entre o desenvolvimento da trama e o desenvolvimento do arco de personagem. De acordo com o autor, uma boa narrativa contém enredo e personagem entrelaçados de forma a serem dependentes um do outro.

Sendo a Walt Disney Pictures um estúdio em atividade na produção de animações desde 1923, torna-se objeto de estudo a relação da construção das narrativas de princesas da Disney com o papel das personagens nas histórias, a fim de identificar a interdependência entre os arquétipos utilizados nessas princesas e o papel desempenhado pelas mesmas no desenvolvimento da trama. Torna-se relevante, portanto, a realização de uma análise dessa evolução para se identificar os arquétipos que possibilitam maior interconexão entre arco de personagem e desenvolvimento da narrativa na construção de um longa-metragem animado.

O presente artigo possui como objetivo identificar a estrutura de quatro roteiros de filmes de princesas da Disney e posterior análise arquetípica de suas protagonistas, sendo estes: *Enrolados* (2010), *Valente* (2012), *Frozen* (2013) e *Moana* (2016). Os filmes escolhidos compõem a Era do Revival da Walt Disney Pictures, estabelecida entre os anos de 2010 a 2019, que possui como característica o foco em histórias de heroínas que objetivam suas próprias jornadas pessoais. Além disso, esta pesquisa visa identificar como os arcos das personagens se conectam com o desenvolvimento das animações, cada uma em sua própria narrativa.

Para a identificação dos roteiros, será abordada a estrutura dos Três Atos baseada em Aristóteles (2011), Field (2001) e Weiland (2016), bem como o modelo de estrutura narrativa da Jornada do Herói de Campbell (2009) e Vogler (2015), e da Promessa da Virgem de Hudson (2010). As personagens serão classificadas quanto aos conceitos de arquétipos de Vogler (2015) e Bolen (1990). A relação entre enredo e personagem será estabelecida com base nos conceitos de Arco do Personagem, Necessidade Dramática do Personagem (WEILAND, 2016) e Conflitos Interno e Externo (ROBERTS, 2009).

Fundamentação Teórica

Para realizar uma animação, são necessárias diversas etapas técnicas e criativas, entre elas a criação e estruturação de uma narrativa e o desenvolvimento dos personagens.

Antes da escrita do roteiro, é necessário estruturar a narrativa e estabelecer a curva dramática (FIELD, 2001). Existem diversas estruturas narrativas que podem ser utilizadas para auxiliar no desenvolvimento da história, sendo as mais comuns a estrutura dos Três Atos (ARISTÓTELES, 2011), a Jornada do Herói (VOGLER, 2015) e a Promessa da Virgem (HUDSON, 2010).

Além disso, deve-se estabelecer o conflito que o personagem irá enfrentar, que pode ser interno ou externo (ROBERTS, 2009). Esse conflito irá influenciar o arco do personagem, que pode ser positivo, neutro ou negativo (WEILAND, 2016).

Com relação ao desenvolvimento de personagens, é possível tomar como base os arquétipos de Vogler (2015) e Bolen (1990) para estabelecer elementos de personalidade a serem explorados nas mesmas. A partir disso, é possível desenvolver uma obra fílmica coerente onde narrativa e personagem se conectam.

Conflito Interno e Conflito Externo

O conflito é o elemento que motiva o personagem a seguir sua jornada (ROSS, 2003). Sem um conflito aparente, a história dificilmente pode ser desenvolvida. Existem dois tipos de conflito, o interno e o externo (ROBERTS, 2009).

A dimensão dos conflitos pode ser estabelecida da seguinte forma: quando um personagem luta contra ele mesmo, seja por um problema mental, psicológico ou emocional, diz-se que existe um conflito interno. Ou seja, quando o protagonista é o seu próprio antagonista. Quando o protagonista tem como antagonista algo externo a ele, como um outro personagem, a natureza, a sociedade ou o sobrenatural, diz-se que existe um conflito externo (LAMB, 2008).

Os Três Atos

A estrutura dos Três Atos foi elaborada por Aristóteles em sua obra *Poética* e descreve uma narrativa que deve ser dividida em prólogo, epílogo e êxodo (ARISTÓTELES, 2011). Essa estrutura pode ser utilizada para escrever histórias em diversas mídias, e uma delas é o roteiro cinematográfico. Popularizada por Field (2001), a estrutura dos Três Atos possui início, meio e fim, sendo o Ato I a apresentação, o Ato II a confrontação, e o Ato III a resolução.

Weiland (2016) define o primeiro ato como a configuração inicial do protagonista e do mundo, o status quo, o qual mudará ao longo da história. No Ato I existem três subdivisões: o Mundo Comum, o Evento Incitante e o Primeiro Ponto da Trama. De acordo com o autor, o Mundo Comum é a apresentação da situação atual do protagonista e de seu universo. O Evento Incitante é aquilo que apresenta ao protagonista a chance de mudar sua vida, a oportunidade de sair do Mundo Comum. O final do primeiro ato é marcado no Primeiro Ponto da Trama, quando o protagonista toma uma ação sobre o Evento Incitante e sai do Mundo Comum.

No Ato II é onde ocorre a maior parte do roteiro, onde o protagonista enfrenta obstáculos e desafios que o levam para mais perto do conflito principal (FIELD, 2001). Weiland (2016) divide o segundo ato em três, com o Midpoint delimitando o meio da história. Segundo o autor, “a ênfase do Midpoint sempre é colocada na troca do protagonista de um papel reativo

para um papel ativo” (WEILAND, 2016, p. 52, tradução nossa). Nesse sentido, a primeira metade do segundo ato é a etapa em que o protagonista reage às mudanças que o fizeram sair do Mundo Comum, lutando para tomar controle de sua vida novamente, e a segunda metade é a etapa em que o protagonista aparentemente alcança uma vitória em sua batalha externa, chegando mais perto de seu objetivo e encerrando o segundo ato.

Entre o segundo e o terceiro ato, o autor define o Terceiro Ponto da Trama, que traz a Crise da narrativa para o protagonista, uma derrota absoluta. Conforme Weiland (2016, p. 107, tradução nossa), “o Terceiro Ponto da Trama será o seu momento baixo – seu ponto de quebra. Ele está encarando a morte, figurativamente ou literalmente”. É nesse momento que o protagonista encara a escolha final entre o que ele deseja e o que ele necessita.

O Ato III é definido com a resolução do conflito principal da narrativa, sendo este positivo ou negativo (FIELD, 2001). Weiland (2016) divide o terceiro ato em Clímax e Resolução. No Clímax, o protagonista enfrenta a batalha final que resolverá o conflito principal, onde ele mostra sua mudança, ou não, desde o início da história. Por fim, a Resolução ilustra o novo mundo, a nova configuração criada após todas as mudanças, contrastando-a com o início da narrativa.

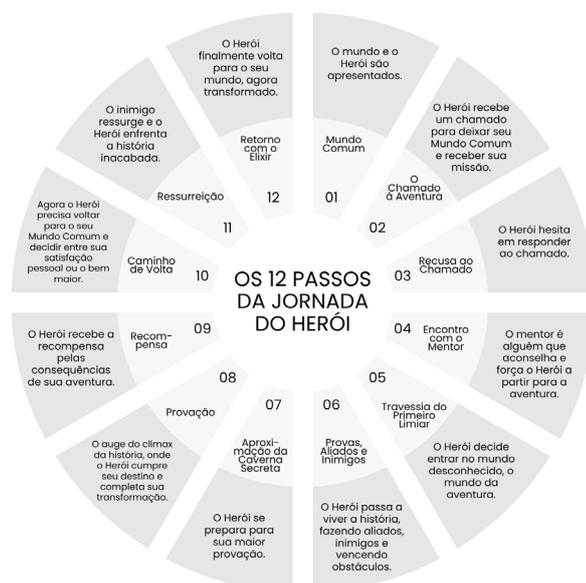
Jornada do Herói

Durante a história da humanidade, diversos mitos e lendas foram criados e adorados por suas narrativas comoventes e seus protagonistas inspiradores. Embora existam diferenças culturais e geográficas, muitas delas seguem uma fórmula narrativa conhecida como a Jornada do Herói.

Essa estrutura foi identificada por Campbell (2009), um mitólogo que, após analisar diversas narrativas, percebeu uma série de elementos em comum em todas elas, surgindo então o Monomito. Essa estrutura é dividida em Partida, Iniciação e Retorno e contém dezessete passos.

Figura 1: Os 12 Passos da Jornada do Herói.

Fonte: os autores, baseado na Jornada do Herói de Vogler (2015).



Vogler (2015) simplificou e adaptou os dezessete passos de Campbell (2009) em doze passos da Jornada do Herói, popularizando o termo e a estrutura para a escrita de roteiros (Figura 1).

Promessa da Virgem

Enquanto na Jornada do Herói o protagonista é pressionado a partir em uma aventura e se sacrificar para salvar o mundo externo, na Promessa da Virgem o protagonista parte em uma jornada de autoconhecimento.

Elaborada por Hudson (2010), a Promessa da Virgem é uma estrutura narrativa dividida em treze passos que evidencia a jornada interior vivida pelo protagonista da história a ser contada (Figura 2).

Figura 2: A Promessa da Virgem.

Fonte: os autores, baseado na Promessa da Virgem de Hudson (2010).



Arco do Personagem

Os arcos de personagem dizem respeito ao desenvolvimento do personagem e sua evolução pessoal no decorrer da história. Weiland (2016) define três categorias de arco de personagem: positivo, neutro e negativo.

Para fazer essa distinção, Weiland (2016) aborda os conceitos da Mentira em que o personagem acredita e da Verdade que o personagem necessita. A Mentira se trata de uma crença errônea que mantém o personagem preso a um estado interior de insatisfação, incapaz de alcançar o que ele deseja. A Mentira dialoga com o desejo do personagem, permeando a narrativa com a materialização física de seu objetivo inicial, o que nem sempre é o que ele necessita.

Essa necessidade é muitas vezes uma simples descoberta interior que é revelada com a Verdade (WEILAND, 2016), sendo ela o cerne da narrativa, aquilo que motiva o protagonista a adentrar a jornada. É sua Necessidade Dramática, sua motivação.

Segundo o autor, em um arco de personagem Positivo, o personagem inicia a história acreditando em uma Mentira que o impede de alcançar seus objetivos, e a narrativa gira em torno da descoberta da Verdade que o trará para uma vida mais satisfatória, mesmo que apenas interiormente. Ele passa por uma mudança em suas convicções que o coloca em estado superior quanto ao seu status quo.

Em um arco neutro, o personagem inicia a história sabendo a Verdade e não passa por uma mudança interior significativa, mesmo que possa mudar exteriormente. Nesse arco, “o protagonista é aquele que está mudando o mundo à sua volta, ao invés do mundo mudar o personagem” (WEILAND, 2016, p. 91, tradução nossa). Dessa forma, ainda que o protagonista não mude, ele é muitas vezes responsável pela mudança em outros personagens que enfrentam seus próprios arcos de mudança.

Por fim, um arco de personagem negativo é aquele em que o personagem passa por uma mudança negativa, terminando sua jornada em um estado pior que aquele de onde começou. Dentro do arco, Weiland (2016) identifica três vertentes: arco de desilusão, de queda, e de corrupção.

Na desilusão, o personagem começa acreditando em uma Mentira, e termina possuindo a Verdade. No entanto, essa Verdade não traz satisfação e felicidade. Na queda, o personagem não consegue descobrir a Verdade, afundando-se na Mentira, que traz a sua ruína. Na corrupção, o personagem começa com a Verdade, mas é atraído pela Mentira, corrompendo-se.

Arquétipos

Os arquétipos narrativos são construídos baseando-se no conceito do Inconsciente Coletivo, uma parte da psique humana que não é adquirida por nenhum indivíduo e por isso não são esquecidos ou suprimidos, pois são passados por meio da hereditariedade. Os arquétipos são conceitos presentes dentro deste inconsciente (JUNG, 2014).

Figura 3: Arquétipos Narrativos de Vogler.

Fonte: os autores, baseado em Vogler (2015).

ARQUÉTIPOS DE VOGLER

| ARQUÉTIPO | PAPEL NA NARRATIVA |
|--------------------|---|
| O Herói | Protagonista; que moveu a história para frente e sacrificou algo |
| O Mentor | Auxiliam o herói em sua jornada |
| Guardião do Limiar | Obstáculo a ser superado pelo Herói, testa o Herói |
| Arauto | Trazer mudanças ou mensagens para o herói e a plateia |
| Camaleão | Motivações, lealdade e interesses ambíguos |
| Sombra | Desafiar o herói; tudo que há de ruim nas pessoas ou na narrativa |
| Picaro | Alívio cômico da narrativa |

Nas histórias modernas, é possível observar que se reúnem uma diversidade de arquétipos. Existem os sete arquétipos básicos de Vogler (2015), que objetivam descrever como um personagem se comporta na narrativa e qual o seu papel dentro da mesma (Figura 3).

Já os arquétipos das deusas mitológicas (BOLEN, 1990) foram estabelecidos pensando nas influências que estas imagens iconográficas têm sob a maneira que atuam no íntimo de uma mulher (Figura 4).

Figura 4: Arquétipos Mitológicos.

Fonte: os autores, baseado em Bolen (1990).

ARQUÉTIPOS MITOLÓGICOS

| ARQUÉTIPO | MITO | CARACTERÍSTICAS E SÍMBOLOS |
|-----------|---|--|
| Deméter | Deusa Mãe e da Maternidade; sai em busca incessante ao perder a filha, deixando suas obrigações para trás e tornando a terra infértil | Rigorosa; age com boas intenções, mas pode transgredir o mundo da filha |
| Perséfone | Core; Foi levada à força por Hades para se casar | Jovem e virgem; casamento; filha que quer agradar; não quer se casar |
| Perséfone | Rainha do Inferno; Casada com Hades | Madura, ciente de suas vontades, seu poder e sua força; fertilidade |
| Hera | Deusa do casamento e do compromisso; Casada com Zeus | 3 faces: jovem (virgem), perfeita (casada) e viúva |
| Afrodite | Deusa do Amor e da Beleza; é casada com Hefesto, mas é amante de Ares e Hermes | Representa as amantes; provoca inspiração e mudanças |
| Ártemis | Deusa da caça; sofrimento da mãe durante o parto de seu irmão a fez ter aversão ao casamento | Conexão com a natureza; distância da sociedade; sempre socorre sua mãe |
| Atena | Deusa da sabedoria, da estratégia e das artes; filha preferida de Zeus | Reconhece quando é superada; não perdoa desrespeitos; conexão com homens poderosos |
| Héstia | Deusa do Lar e da lareira | Experiência interior; espiritualidade; proteção dos lares e templos |

Metodologia

Para delimitar o escopo do estudo da evolução dos arquétipos das princesas da Disney ao longo do tempo, foram selecionados os filmes: Enrolados (2010), Valente (2012), Frozen (2013) e Moana (2016). Para cada um desses filmes, serão analisados os seus roteiros por meio da definição e delimitação da estrutura dos três atos de acordo com Field (2001) e Weiland (2016), com a demarcação dos momentos de passagem entre os arcos e das cenas de maior impacto emocional, e sua estrutura, entre A Jornada do Herói (VOGLER, 2015) ou A Promessa da Virgem (HUDSON, 2010).

Uma vez entendida a estrutura e o viés geral do roteiro, o foco de análise se voltará para a personagem, buscando-se determinar o conflito principal da narrativa e sua natureza (ROBERTS, 2009). Em seguida, será realizada a análise da necessidade dramática (WEILAND, 2016) que move a personagem a resolver esse conflito. A identificação da motivação da personagem e suas ações em busca dessa resolução associada ao conflito trabalhado na trama, será utilizada para caracterizar a curva de crescimento das princesas em relação ao seu arco de personagem.

Por último, será observado a correlação entre os principais personagens da trama de cada uma das animações e seus arquétipos, segundo Vo-

gler (2015) e Bolen (1990), para então associá-la ao seu papel desempenhado na narrativa, buscando-se compreender o impacto de um sobre o outro.

Ao final das análises individuais dos filmes, será realizada uma comparação englobando as quatro animações por meio dos registros dos arquétipos das princesas e do desenvolvimento das mesmas no decorrer da narrativa.

Resultados

Foi realizada a análise dos filmes de maneira individual a fim de estabelecer a história de maneira resumida e destacar os arquétipos encontrados e os aspectos narrativos que influenciam na construção das personagens a seguir descritos.

Enrolados

Enrolados (2010) possui um enredo focado em Rapunzel e sua jornada para se tornar independente. Seguindo a estrutura da Jornada do Herói, com um enfoque na relação entre Rapunzel e Mother Gothel, o conflito da trama é baseado no aprisionamento físico e emocional de Rapunzel à torre e a Gothel, o que gera tanto o conflito externo de sair da torre e procurar pelas luzes no céu, quanto o interno de trair sua suposta mãe e machucá-la para seguir seu sonho. Nesse sentido, é possível observar um arco de personagem positivo em Rapunzel, de modo que a protagonista se trata de uma personagem dinâmica em respeito à sua curva de crescimento, passando por transformações que a levam a um maior autoconhecimento e autonomia ao longo da história.

Rapunzel possui o arquétipo do Herói segundo Vogler (2015). De acordo com os arquétipos mitológicos, Rapunzel se encaixa no arquétipo de Perséfone Core, principalmente no início da narrativa quando ela se apresenta como uma boa filha, que busca agradar e obedecer sua mãe, e no arquétipo de Ártemis conforme a história progride, como é possível observar no seu foco para com seu objetivo e no seu espírito explorador, livre e autossuficiente.

Valente

Mérida é uma jovem princesa escocesa que está prestes a ser prometida para um jovem de um clã vizinho em prol de manter a paz no reino, porém a mesma prefere ser reconhecida como uma grande arqueira, contrariando os desejos de sua mãe, a rainha, e deixando de lado seus deveres como princesa. Após uma briga entre as duas, Mérida busca uma maneira de mudar o seu destino por meio da magia, porém o feitiço transforma sua mãe e seus três irmãos mais novos em ursos, agora elas buscam uma maneira de desfazer o feitiço sem serem descobertas.

A história segue a estrutura da Jornada do Herói e, como protagonista, Mérida se encaixa no arquétipo de Heroína dentro da narrativa, sa-

crificando seu orgulho e aprendendo a escutar e assumir que estava errada, mostrando sua passagem da adolescência para a vida adulta, vestindo diversos arquétipos no processo. Quando criança, Mérida se encaixa no arquétipo de Perséfone Core, sendo a boa filha pequena e inocente e complementando sua mãe que tem o arquétipo de Deméter, porém na adolescência o arquétipo de Artêmis é o mais prevalente na princesa. Seu relacionamento forte com a natureza e a caça e sua aversão ao casamento são traços que aparecem no início do filme, mas com a evolução da personagem durante o seu arco positivo de crescimento percebe-se o arquétipo da filha que protege a mãe perto da luta final, no mesmo momento do filme onde é aparente o arquétipo de Atenas quando Mérida e sua mãe se utilizam da estratégia para derrotar Mor'du, o grande urso negro que também teve sua forma corpórea alterada por magia.

Frozen

A história de Frozen (2013) se passa no reino nórdico fictício de Arendelle e narra uma aventura vivida pelas princesas Elsa, a irmã mais velha, e Anna, a mais nova. Tendo nascido com poderes mágicos derivados do gelo e sendo obrigada a escondê-los e a si mesma durante todo o seu crescimento, Elsa acaba por não conseguir controlá-los corretamente, causando uma catástrofe no reino no dia de sua coroação como rainha, iniciando um inverno na região durante o verão, fugindo e isolando-se logo após isso, o que leva sua irmã a iniciar uma jornada para encontrá-la, retorná-la ao lar e trazer o Sol de volta.

Por este ser um filme com duas protagonistas, ambas possuem arcos narrativos que se diferenciam um do outro, necessitando uma análise separada de cada um.

1. Elsa

A história de Elsa segue a estrutura narrativa da Promessa da Virgem, focando-se em autoconhecimento e autoaceitação, possuindo algumas diferenças em relação à estrutura original, havendo, por exemplo, a troca de posições entre os passos O Preço de se Conformar e A Oportunidade de Brilhar, representados aqui, respectivamente, pelo momento em que a personagem precisa começar a reprimir seus poderes, e pela cena anterior a esse, em que ela provoca um acidente durante uma brincadeira com sua irmã.

Seu arco de personagem classifica-se, segundo Weiland (2016), como positivo, pois a personagem inicia a história acreditando em uma Mentira, precisando ocultar a si e seus poderes do mundo, o que a leva a uma vida de insatisfação, e mais tarde ao Desejo de viver isolada, materializando-se em seu castelo de gelo nas montanhas, culminando na descoberta da Verdade, representado pelo amor fraternal, aceitação e controle total de seus poderes no clímax da história, modificando seu status quo e vivendo uma vida mais satisfatória.

Elsa encarna o Herói em seu próprio arco, pois é a personagem que mais cresce e se modifica durante a trama, e encarna o Arauto no arco de Anna, pois mesmo sem intenção, entrega a missão à sua irmã colocando a história em movimento. Quanto aos arquétipos mitológicos, Elsa personifica diversos deles em diferentes momentos da trama, inicialmente podendo ser encarada como Perséfone Core junto com Atena, devido à sua incontestável obediência a seus pais e a notável semelhança dos acontecimentos com a história de Pallas, a melhor amiga da deusa grega, que foi acidentalmente ferida fatalmente por ela.

Posteriormente, como uma mulher amadurecida, ela representa uma junção de Perséfone Rainha do Inferno, pois apesar de não representar o significado convencional de fertilidade, associado a versão mais amadurecida da deusa, é visto ao longo do filme como ela é capaz de gerar vida a sua própria maneira, e Héstia, por tornar-se uma versão própria de uma deusa do lar, simbolizando a experiência interior e protegendo seu lar e templo.

Mais tarde, ela revisita o arquétipo de Atena, recriando a história de Pallas, ao atingir Anna uma segunda vez com sua magia. Ao final, ela retorna à Héstia, porém em uma versão mais evoluída, tendo como lar e templo o seu reino e sua família.

2. Anna

A narrativa de Anna segue a Jornada do Herói, mas assim como Elsa, possui algumas diferenças em relação à estrutura original, de modo a caracterizar sua personalidade durante a construção de seu arco.

A exemplo, é possível inferir que Anna recebe mais de um Chamado à Aventura. O primeiro sendo quando os portões do castelo são abertos ao povo, deixando-a empolgada com as possibilidades. A proposta de casamento de Hans como o segundo Chamado e, mais tarde, o inverno causado por Elsa e sua fuga logo em seguida, configuram o terceiro Chamado. Em todos eles, quando há a Recusa do Chamado, ele sempre vem de terceiros – Elsa recusando-se a dar sua bênção ao casamento e, mais tarde, Hans tentando impedir Anna de ir atrás de sua irmã.

A múltipla utilização do Chamado à Aventura serve ao propósito de caracterizar a personagem como emocionalmente sensível e ansiosa por qualquer interação social e afetuosa – fruto da negligência fraternal, morte dos pais e isolamento durante seu desenvolvimento –, além de ingênua, iniciando a história completamente alienada da Verdade, acreditando em uma Mentira, o que vai se modificando ao longo da narrativa à medida que a personagem vai descobrindo mais sobre o mundo, mudando a si mesma, mas também buscando mudar o mundo a sua volta, completando seu arco no clímax do filme, entendendo o real significado do amor verdadeiro, con-

seguindo se impor diante do vilão e atingindo seu objetivo final, alcançando uma vida mais satisfatória possuindo, assim, um arco de personagem positivo.

Anna seria o Herói em sua história, por ser a que mais cresce em seu próprio arco e fazer a história ir para frente, e o Guardiã do Limiar na história de Elsa, pois ela sempre está lá para testar sua irmã, mesmo sem a intenção, pois o autocontrole e o medo de causar o mal aos outros são questões muito fortes e presentes na narrativa da protagonista. Anna é a personificação dessas questões, visto que a primeira vez que ela foi atingida pela magia mal controlada foi quando iniciou todo o período de isolamento de Elsa.

A personagem também personifica mais de arquétipo mitológico ao mesmo tempo, sendo representada por Afrodite por estar em constante busca por amor, e uma das faces de Hera, pois uma das formas de amor que ela busca é o casamento. Anna também possui, em partes, o arquétipo de Ártemis, por sua personalidade exploradora e seu destaque fora do reino, se dando melhor com o mundo natural.

Por último, a personagem encarna uma versão fraternal do arquétipo de Deméter, traçando um paralelo direto com o mito da deusa que, ao ter sua filha sequestrada, saiu vagando a procura dela, ignorando suas funções como deusa, assim como Anna faz, deixando o reino aos cuidados de Hans.

Moana

Situada na Polinésia de 2 mil anos atrás, Moana é uma jovem descendente de uma longa linhagem de líderes da ilha a qual habita, que logo será consumida por uma maldição que destrói e mata tudo que toca. Moana zarpa sem experiência em alto mar em busca de Maui, um semideus, na esperança de salvar seu povo.

A narrativa segue a Jornada do Herói, onde a protagonista passa por um arco positivo de crescimento, iniciando a história como uma garota teimosa, com um desejo de explorar o mundo e um coração digno o suficiente para ser escolhida pelo próprio Oceano, sendo moldada ao decorrer do filme, transformando-se em uma líder determinada e heroica, retomando a tradição de seu povo de navegar pelos oceanos e livrando sua terra e todo o mundo da maldição que antes os afligia.

Ocupando uma posição de protagonismo, Moana se encaixa como a heroína clássica, indo de acordo com as estruturas previamente mencionadas. No aspecto psicológico, Moana passa por diversos arquétipos, começando a história como Perséfone Core, a boa filha, e amadurecendo até vestir o arquétipo de Atena e Héstitia, se tornando uma mulher estrategista e protetora do seu Lar, conectando-se com seus ideais amadurecidos.

A sua jornada de amadurecimento e sua curiosidade servem como apoio para a construção de Moana no período mais baixo da jornada do

herói, quando a dúvida assola a personagem e o arrependimento por sua teimosia fazem ela quase desistir do papel. Sua avó, servindo como mentora durante a história, a faz se conectar com seu interior e a sua espiritualidade ao lembrar do seu lar e dos seus antepassados, assim o arquétipo de Héstia dá forças para Moana voltar a seu papel como a heroína.

Tabela Resumo

A tabela resumo sintetiza os resultados observados, relacionando os arquétipos mitológicos com as princesas e evidenciando sua atuação na narrativa das mesmas (Quadro 1).

Quadro 1: Tabela resumo.

Fonte: os autores.

| Arquétipo | Princesa | Arquétipo na narrativa |
|-----------------------------|----------|---|
| Deméter | Anna | Amor fraterno: sai atrás de Elsa, abandonado sua responsabilidade para com o reino (Evento Incitante) |
| Atena | Elsa | Obediência principalmente ao pai, acidentalmente fere Anna, coloca os sentimentos de lado (backstory, ghost, origem da Mentira, status quo) |
| | Mérida | Derrota Mor'du ao lado da mãe por meio de uma estratégia (marco de crescimento positivo) |
| | Moana | Estrategista em sua jornada para proteger seu lar (marco de crescimento positivo) |
| Perséfone Core | Rapunzel | Boa filha, que busca agradar e obedecer sua mãe (status quo do arco de crescimento positivo) |
| | Mérida | Boa filha, quando pequena e inocente, seguindo sua mãe, que possui o arquétipo de Deméter (backstory) |
| | Moana | Boa filha que segue as orientações do pai e se dedica ao seu dever e não aos seus desejos (status quo) |
| | Elsa | Obediência aos pais quando mais nova (backstory ghost, origem da Mentira) |
| Perséfone Rainha do Inferno | Elsa | Geração de vida, saber de suas forças e vontades (resultado do crescimento) |

| | | |
|----------|----------|---|
| Artemis | Rapunzel | Foco para com seu objetivo e no seu espírito explorador, livre e autossuficiente |
| | Mérida | Relacionamento forte com a natureza e a caça, aversão ao casamento (status quo do arco de crescimento positivo) |
| | Moana | Conexão com a natureza e vontade de ser livre (status quo) |
| | Anna | Personalidade exploradora e conexão com o mundo natural |
| Héstia | Elsa | Experiência interior e proteção do lar (conflito interno e resolução, arco de crescimento positivo em Promessa da Virgem) |
| | Moana | Conexão com o interior e espiritualidade ao lembrar do lar e dos antepassados (resolução do arco de crescimento positivo) |
| Hera | Anna | Busca pelo casamento como uma das formas do amor (status quo) |
| Afrodite | Anna | Constante busca pelo amor; encoraja Elsa a aceitar o amor (status quo do arco de crescimento positivo; encoraja o crescimento positivo de outros) |

Discussão

Após a análise dos quatro filmes, é possível perceber que o arquétipo de Vogler (2015) presente em todas as princesas é o do Herói, devido ao seu protagonismo, com exceção de Elsa que, por sua vez, também veste o arquétipo de Arauto em relação a sua irmã.

Foi possível perceber que dois arquétipos mitológicos se destacaram quanto a sua presença nos filmes estudados: Perséfone Core e Ártemis, ambos presentes em quatro princesas. Houve destaque também para os arquétipos de Atena e de Héstia, presentes em três e duas princesas, respectivamente. Os arquétipos menos presentes no estudo realizado foram os de Perséfone Rainha do Inferno, Deméter, Hera e Afrodite, mas cabe a eles uma observação realizada adiante.

O arquétipo da Perséfone Core, presente em Rapunzel, Mérida, Moana e Elsa, destacou nessas princesas uma característica padrão de submissão ou obediência para com seus pais como marco inicial de sua jornada. No caso de Rapunzel e Moana, o arquétipo evidencia o status quo das protagonistas, permeando todo o Primeiro Ato. Já em Mérida e Elsa, o arquétipo fornece suporte narrativo em forma de backstory para a construção da personagem no Mundo Comum: em Mérida, mostra a relação da protagonista quando criança com sua mãe - Deméter - , contrastando essa relação com a desenvolvida ao longo da trama quando Mérida deixa de ser represen-

tada por Perséfone Core e passa a ser representada por Artemis; em Elsa, o arquétipo de Perséfone Core indiretamente leva ao desenvolvimento do arquétipo de Atena, origem do conflito interno da protagonista. Em todas elas, no entanto, o arquétipo de Perséfone Core é a base para a evolução das personagens no arco de mudança positivo. A variação do arquétipo marca o crescimento dentro do arco.

O arquétipo de Ártemis, presente em Rapunzel, Mérida, Moana e Anna, não só evidencia a conexão com a natureza, mas também o aspecto explorador e a vontade de ser livre e independente. Em todas elas, com exceção de Anna, o arquétipo pode ser observado em suas personalidades espontâneas desde quando crianças. Em Mérida, Moana e Rapunzel, o arquétipo de Ártemis é despertado ao longo da narrativa, evidenciado no despertar da vontade interior das protagonistas em abandonar o arquétipo da boa filha - Perséfone Core - e seguir a própria jornada. Nesses casos, o arquétipo de Ártemis serviu como foreshadowing para revelar um status quo de repressão, mostrando-se como uma característica central para o desenvolvimento do conflito interno e externo da trama, e levando as personagens por um arco de crescimento positivo, essencial para a resolução da narrativa. Em Moana, Rapunzel e Anna, o arquétipo de Ártemis atua ainda como catalisador da trama para a entrada no Segundo Ato, sendo ele um símbolo de liberdade e de conexão com a natureza que impulsiona as protagonistas a abandonar o Mundo Comum.

O arquétipo de Atena está presente em Elsa, Mérida e Moana. Em Elsa, o arquétipo é antecedido pelo de Perséfone Core, que empodera o desenvolvimento de Atena por meio do suporte de obediência aos pais. O arquétipo de Atena enfatiza a característica da supressão dos sentimentos, sendo este o cerne do conflito narrativo interno. Em Mérida e Moana, o arquétipo de Atena marca o crescimento positivo das protagonistas em seus arcos de personagens, destacando-se no Ato II ao enfatizar o amadurecimento e evolução das princesas em sua capacidade de lutar e proteger.

O arquétipo de Héstia se manifesta em Elsa e Moana de maneira semelhante em ambas. Em Moana, o arquétipo de Héstia se apresenta como a conclusão e resolução no Ato III, evidenciando o resultado do arco de crescimento positivo sofrido pela protagonista, que agora possui uma maior conexão interior com seus antepassados e sua espiritualidade, tornando-se uma mulher mais resolvida e ciente de si mesma. Em Elsa, o arquétipo não se apresenta apenas como a resposta e resolução da jornada e do arco de crescimento da princesa. O arquétipo de Héstia está presente no enredo de Elsa ao longo de toda a trama: no status quo, no conflito interno, nas vitórias e derrotas, até a resolução da narrativa. Esse arquétipo se manifesta no início, meio e fim do arco de crescimento da personagem, abordando principalmente o aspecto do autoconhecimento interior. Isso faz sentido quando se observa que o enredo de Elsa segue a Promessa da Virgem em seu desenvolvimento, em sintonia com o conflito interno e o crescimento interior da personagem.

Nas princesas analisadas, o arquétipo de Perséfone Rainha do Infer-

no está presente apenas em Elsa. Esse arquétipo enfatiza o crescimento da personagem ao final de sua jornada, atuando como figura símbolo de uma mulher que conhece suas forças e seus desejos, centrada em seu autoconhecimento. Ao analisar o arco de crescimento de Elsa, percebe-se um contraste entre Perséfone Rainha do Inferno no final, e Perséfone Core e Atenas em seu status quo no início.

Os arquétipos de Deméter, Hera e Afrodite aparecem apenas na princesa Anna. Hera está relacionada à protagonista em seu status quo, evidenciado pela busca pelo casamento. No entanto, Anna se conecta com o arquétipo de Afrodite, na busca não apenas do casamento, mas em diversas formas de amor como um todo. Essa relação gera tanto o conflito de sua própria jornada e o desenvolvimento de seu arco de crescimento positivo, quanto a torna uma personagem de convicções fixas, como o amor como resposta para os problemas. Deméter, como figura protetora de boas intenções que faria de tudo por quem ama, apresenta-se em Anna em seu amor fraterno e em sua busca por Elsa ao abandonar o reino. Nesse caso, Deméter atua como arquétipo central na necessidade dramática e no Evento Incitante de Anna. Dessa forma, observa-se que os arquétipos de Afrodite e Deméter atuam principalmente como catalisadores e suporte para o arco de crescimento de outro personagem, no caso, Elsa, enquanto Hera atua predominantemente e exclusivamente na jornada de Anna.

Conclusão

Destacam-se os arquétipos mitológicos de Perséfone Core, sendo este mais utilizado para estabelecer uma protagonista ingênua e inocente com uma forte conexão com sua figura materna para que esta, mais tarde, deixe este arquétipo para trás, dando início ao seu arco de crescimento positivo. O arquétipo Atena é usado para estabelecer uma personagem que negligencia suas emoções em prol de um único objetivo, com uma conexão forte com sua figura paterna, e que mais tarde irá passar por um arco de crescimento positivo. O arquétipo de Ártemis, geralmente usado para mostrar uma personagem rebelde, espontânea e com uma maior conexão com o mundo natural e acompanhada de um papel protetor de sua figura materna, é vestido por uma personagem a fim de demonstrar a chegada à maturidade em seu arco de crescimento. E o arquétipo de Héstia, que é usado para demonstrar uma protagonista introspectiva e protetora de seu lar, geralmente aparece para estabelecer uma conexão forte com o lar no início da narrativa a fim de estabelecer o valor do que será deixado para trás durante a jornada.

Ainda se fazem presentes o arquétipo de Deméter, usado para destacar a posição de cuidadora da protagonista, o arquétipo de Hera, para estabelecer a importância de um relacionamento na vida de uma personagem, o arquétipo de Perséfone Rainha do Inferno, usado para mostrar o amadurecimento da protagonista e por fim o de Afrodite, usado para esta-

belecer uma personagem inspiradora, este sendo presente no único arco plano dentre os filmes analisados.

Surge a possibilidade de um estudo mais aprofundado dos arcos das personagens, visto que o foco do trabalho foi estabelecer a relação entre dois tipos de arquétipos, os de Vogler (2015) e os de Bolen (1990), e como outros fatores contribuem para a construção das protagonistas.

Por meio deste estudo, foi possível estabelecer a estrutura narrativa utilizada nos quatro filmes selecionados, bem como realizar a comparação da narrativa com o desenvolvimento das personagens protagonistas e como suas características arquetípicas influenciam na história apresentada. Foi possível perceber a relação entre desenvolvimento de personagem e desenvolvimento narrativo e como esses dois elementos influenciam um ao outro.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Edipro, 2011.

BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher**: nova psicologia das mulheres. São Paulo: Paulus, 1990.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix/ Pensamento, 2009.

FIELD, S. **Manual do roteiro**: os fundamentos do roteiro cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUDSON, K. **The virgin's promise**: writing stories of feminine creative, spiritual, and sexual awakening. Studio City, CA: Michael Wiese Productions, 2010.

JUNG, C. G. **The archetypes and the collective unconscious**. Routledge, 2014.

LAMB, N. **The Art And Craft Of Storytelling** : a comprehensive guide to classic writing techniques. Cincinnati, Ohio: F+W Media, 2008.

ROBERTS, E. V. **Literature**: an introduction to reading and writing. New York: Longman, 2009.

ROSS, E. I. **Write Now!**: surprising ways to increase your creativity. Barnes & Noble Publishing, 2003.

VOGLER, C. **A jornada do escritor**: estruturas míticas para escritores. São Paulo: Aleph, 2015.

WEILAND, K. M. **Creating Character Arcs**: the masterful author's guide to uniting story structure, plot, and character development. Penforasword Publishing, 2016.

Recebido: 13 de agosto de 2024.

Aprovado: 21 de fevereiro de 2025.